Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação

A INFLUÊNCIA DO ALMANAQUE LUNÁRIO PERPÉTUO NOS FOLHETOS DE CORDEL NO BRASIL[1]

THE INFLUENCE OF THE LUNÁRIO PERPÉTUO ALMANAC ON BRAZILIAN CORDEL CHAPBOOKS

LA INFLUENCIA DEL ALMANAQUE LUNÁRIO PERPÉTUO EN LOS PLIEGOS DE CORDEL EN BRASIL

Leonardo Talone Neto[2]
Regina Maria Marteleto[3]

Submetido em: 16/03/2026
Aprovado em: 19/07/2026
Publicado em: 31/07/2026

Artigo submetido ao sistema de similaridade turnitin

[1] Texto completo submetido, avaliado, aprovado, apresentado e premiado no GT 3 do XXV ENANCIB.

[2] Mestre em Ciência da Informação (UFRJ/IBICT). Doutorando em Ciência da Informação (IBICT). E-mail: leotalone@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0699-6318.
[3] Doutora em Comunicação (UFRJ). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI-IBICT). E- mail: regina.mar2@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3439-0217.

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Resumo: o objetivo do artigo é investigar os elos culturais, simbólicos e documentários entre os folhetos de cordel e o almanaque popular Lunário Perpétuo na cultura popular, sobretudo no Nordeste do Brasil. O almanaque, produzido pelo espanhol Jerónimo Cortés (ca. 1560-ca. 1615), foi publicado pela primeira vez no final do século XVI, em Valência, na Espanha. Ao longo dos séculos, foi reeditado numerosas vezes na Espanha e em Portugal, onde foi publicado pela primeira vez em português em 1703. Também circulou em outros países, como o Brasil, onde exerceu influência duradoura na cultura popular. Nos séculos XIX e XX, o Lunário foi transladado para diversas manifestações da literatura de cordel. No campo teórico-conceitual, os almanaques e folhetos de cordel são estudados como dispositivos infocomunicacionais da cultura popular escrita. Metodologicamente, a pesquisa baseou-se em análise documental de exemplares do Lunário, por meio do método de análise temática. Posteriormente, a análise documental foi ampliada para identificar suas releituras e apropriações nos folhetos de literatura de cordel e de almanaques de cordel. Os resultados evidenciam a percepção dos poetas produtores de cordéis de que o Lunário, dentre outras fontes eruditas e populares, é fonte de sabedoria, conhecimento e ciência, tratado com reverência, credibilidade e autoridade. Conclui-se que a presença destes dispositivos da informação e comunicação popular escrita persiste e se reinventa no passar dos tempos, sobretudo pelas apropriações feitas por poetas e artistas, confirmando o seu papel duradouro na construção e mediação de saberes populares, literários e eruditos.

Palavras-Chave: almanaque; literatura de cordel; Lunário Perpétuo; dispositivo infocomunicacional; comunicação popular escrita.

Abstract: *the aim of this article is to investigate the cultural, symbolic, and documentary links between cordel chapbooks and the popular almanac Lunário Perpétuo in popular culture, especially in the Brazilian Northeast. The almanac, produced by the Spaniard Jerónimo Cortés (ca. 1560-ca. 1615), was first published at the end of the 16th century in Valencia, Spain. Over the centuries, it was republished numerous times in Spain and Portugal, where it was first published in Portuguese in 1703. It also circulated in other countries, such as Brazil, where it had a lasting influence on popular culture. In the 19th and 20th centuries, the Lunário was translated into various forms of cordel literature. In the theoretical-conceptual field, almanacs and cordel chapbooks are studied as infocommunicational devices of written popular culture. Methodologically, the research was based on documentary analysis of copies of the Lunário, using the thematic analysis method. Subsequently, the documentary analysis was expanded to identify its retellings and appropriations in cordel literature chapbooks and cordel almanacs. The results highlight the perception of cordel poets that the Lunário, among other erudite and popular sources, is a source of wisdom, knowledge, and science, treated with reverence, credibility, and authority. It is concluded that the presence of these devices of popular written information and communication persists and reinvents itself over time, especially through the appropriations made by poets and artists, confirming their enduring role in the construction and mediation of popular, literary, and scholarly knowledge.*

Keywords: *almanac; cordel chapbooks; Lunário Perpétuo; infocommunicational device; written popular communication.*

Resumen*: el objetivo del artículo es investigar los vínculos culturales, simbólicos y documentales entre los pliegos de cordel y el almanaque popular Lunário Perpétuo en la cultura popular, especialmente en el noreste de Brasil. El almanaque, elaborado por el español Jerónimo Cortés (ca. 1560-ca. 1615), se publicó por primera vez a finales del siglo XVI en Valencia, España. A lo largo de los siglos, fue reeditado numerosas veces en España y Portugal, donde se publicó por primera vez en portugués en 1703. También circuló en otros países, como Brasil, donde ejerció una influencia duradera en la cultura popular, incluida la literatura de cordel. En el campo teórico-conceptual, los almanaques y pliegos de cordel son estudiados como dispositivos de infocomunicación de la cultura popular escrita. Metodológicamente, la investigación se basó en el análisis documental de ejemplares del Lunário, mediante el método de análisis temático. Posteriormente, el análisis documental se amplió para identificar sus relecturas y apropiaciones en los pliegos de cordel y en los almanaques de cordel. Los resultados evidencian la percepción de los poetas productores de pliegos de que el Lunário, entre otras fuentes eruditas y populares, es fuente de sabiduría, conocimiento y ciencia, tratado con reverencia, credibilidad y autoridad. Se concluye que la presencia de estos dispositivos de infocomunicación popular persiste y se reinventa con el paso del tiempo, sobre todo por las apropiaciones realizadas por poetas y artistas, lo que confirma su papel duradero en la construcción y mediación de conocimientos populares, literarios y eruditos.*

Palabras clave*: almanaque; pliegos de cordel; Lunário Perpétuo; dispositivo de infocomunicación; comunicación popular escrita.*

1 INTRODUÇÃO

> Qual literatura! Toda essa versalhada que por aí anda não vale o canto de um boiadeiro. Se vocês querem poesia, mas poesia de verdade, entrem no povo, metam-se por aí, por esse rincões, passem uma noite num rancho, à beira do fogo, entre violeiros, ouvindo trovas de desafio. Chamem um cantador sertanejo, um desses caboclos, de alpercatas e chapéu de couro e peçam-lhe uma cantiga. Então, sim. Poesia é no povo. Eu criei-me na largueza, livre, correndo campinas, varando cerrados, comendo o que me ofereciam as árvores, bebendo nas fontes vivas e, quando o calor abafava, despia-me, pendurava a roupa num galho e atirava-me n'água, nadando contra a corrente. Poesia para mim é água em que se refresca a alma e esses versinhos que por aí andam, muito medidos, podem ser água, mas de chafariz, para banhos mornos em bacia, com sabonete inglês e esponja. Eu, para mim, quero águas fartas – rio que corra ou mar que estronde. Bacia é para gente mimosa e eu sou caboclo, filho da natureza criado ao

sol[4] (Romero *apud* Coelho Neto, [c2025]).

O objetivo do artigo é investigar os elos culturais, simbólicos e documentários entre os folhetos de cordel e o almanaque Lunário Perpétuo na cultura popular, sobretudo no Nordeste brasileiro. O Lunário Perpétuo, escrito pelo matemático, astrônomo, naturalista e compilador espanhol Jerónimo Cortés (ca. 1560-ca. 1615), é um almanaque publicado pela primeira vez no final do século XVI em Valência, na Espanha. O livro foi reeditado numerosas vezes ao longo dos séculos especialmente na Espanha e Portugal, tendo circulado também em outros países, como o Brasil, onde influenciou a cultura popular por séculos. Uma dessas influências se deu no campo da literatura de cordel, expressão tradicional profundamente enraizada na cultura nordestina, caracterizada pela circulação de textos geralmente em versos, impressos artesanalmente em folhetos ou improvisados por poetas em cantorias.

Os folhetos de cordel e os almanaques são manifestações impressas da cultura popular que, embora distintas em forma e função, compartilham a condição de dispositivos infocomunicacionais populares, funcionando como meios acessíveis de mediação e circulação de saberes e práticas. A literatura de cordel, surgida na Península Ibérica e consolidada no Nordeste do Brasil, combina poesia, oralidade e sabedoria, assumindo um papel relevante na preservação e difusão da memória, da história e da cultura. De forma análoga, os almanaques populares, em sua mescla de informações práticas, sabedoria popular, conselhos e entretenimento, estabeleceram-se como verdadeiras enciclopédias domésticas,

[4] Palavras de Sylvio Romero citado por Coelho Neto no discurso de recepção de Osório Duque-Estrada na Academia Brasileira de Letras, em 25 de outubro de 1916.

democratizando o acesso ao conhecimento. Os folhetos e os almanaques – especialmente os almanaques de cordel, que constituem uma manifestação híbrida ao combinar características de ambos – configuram-se como formas de literatura popular muitas vezes produzidas pelo povo para o povo.

O Lunário Perpétuo se insere na tradição dos almanaques populares, reunindo saberes de gêneros diversos, como astrologia, astronomia, previsões do tempo, calendários, festas fixas e móveis, saúde, religião, agricultura, veterinária, além de provérbios e conselhos para o bem-viver. Produzido no contexto europeu, cruzou o Oceano Atlântico e desembarcou no Brasil durante o período em que era colônia portuguesa, gradualmente se difundindo no país. A relevância do livro na cultura brasileira é evidenciada pela inclusão de um verbete no "Dicionário do Folclore Brasileiro", do folclorista e historiador Luís da Câmara Cascudo (2024, p. 236). O autor afirma que o Lunário foi por séculos "o livro mais lido nos sertões do Nordeste, informador de ciências complicadas de astrologia, dando informações sobre horóscopos, rudimentos de física, remédios estupefacientes e velhíssimos". Cascudo (2024) destaca ainda que o Lunário foi um dos livros mestres para os cantadores populares, que decoravam trechos do livro letra por letra. "É um livro de *valor*, mostrado aos *entendidos*" (Cascudo, 2024, p. 236, grifos do autor).

Nos séculos XIX e XX, o Lunário foi transladado para muitas versões da literatura de cordel, improvisadas, recitadas e vendidas em feiras. O livro é o esteio fundamental de todos aqueles que fazem almanaques populares no Nordeste, sendo texto matricial para os almanaques da região (Almeida, 2019; Benjamin, 2000). Em um contexto em que a seca é fenômeno cíclico e problema social, as

previsões meteorológicas baseadas nos astros e nos sinais da natureza, presentes no Lunário, tornaram o almanaque um recurso influente e amplamente utilizado na região. O livro se tornou uma espécie de bíblia para os "profetas da chuva" do sertão (Rios, 2003).

Ao longo do tempo, o Lunário Perpétuo serviu como base e inspiração para diversas obras artísticas e culturais. Além dos folhetos e almanaques de cordel, o livro é referenciado em obras clássicas da literatura brasileira. É o caso do "Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta", escrito pelo paraibano Ariano Suassuna e publicado em 1971; "Caetés", primeiro romance do alagoano Graciliano Ramos, de 1933; e "Luzia-Homem", romance naturalista do cearense Domingos Olímpio, publicado em 1903. Na música, foi homenageado pelo pernambucano António Nóbrega, que em 2002 lançou um álbum e em 2003 um espetáculo intitulado "Lunário Perpétuo". Na festa, o Lunário foi recriado através da dança, música, figurinos e alegorias pela Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra no Carnaval de 2024 no Rio de Janeiro, com o enredo "Lunário Perpétuo: a profética do saber popular".

Diante da ampla circulação informacional, cultural, pedagógica, material e simbólica do Lunário Perpétuo ao longo dos séculos, parte-se do pressuposto de que o almanaque, enquanto documento e objeto cultural, teve grande relevância social, cultural e informacional nos contextos sócio-históricos em que circulou, e serviu como um dispositivo de mediação da informação, cultura, educação e leitura a grupos populares. Inserido em uma pesquisa mais ampla de dissertação de mestrado sobre a presença do Lunário na cultura brasileira (Talone Neto, 2025), este artigo busca analisar a influência do almanaque Lunário Perpétuo na literatura de cordel nordestina.

2 ALMANAQUES E FOLHETOS DE CORDEL: DISPOSITIVOS INFOCOMUNICACIONAIS DA CULTURA POPULAR ESCRITA

Desde a invenção e difusão da imprensa de tipos móveis, diversos impressos se popularizaram em diferentes países, adquirindo características que os identificam como manifestações de "leitura popular", ainda que suas origens possam ser eruditas e suas apropriações independam de grupos sociais. As chamadas leituras populares são caracterizadas por determinados gêneros, formatos ou empreitadas editoriais. Segundo Sordet (2023), a edição popular não apenas se estabelece como um gênero e uma forma reconhecível de publicação, mas também como um ecossistema específico, com sistemas próprios de financiamento e difusão.

Estas edições populares recebem denominações diferentes em cada país, sempre com características particulares em suas formas, gêneros e modos de produção e circulação dentro dos contextos regionais e históricos. É o caso, por exemplo, dos folhetos de cordel em Portugal e no Brasil, *littérature de colportage* na França, *pliegos sueltos* ou *pliegos de cordel* na Espanha, *chapbooks* na Inglaterra, *volksbücher* na Alemanha, *corridos* no Peru, e Chile; *hojas* na Argentina, entre outros (Grillo, 2015). Entre os gêneros mais populares de publicações, destacam-se os almanaques, pasquins, livros de emblemas, além de livros de devoção, como livros de horas, artes de morrer (*Ars moriendi*) e vidas dos santos.

Os folhetos de cordel, juntamente com os almanaques, são classificados por Pellegrini Filho (2009) na classe de brochuras populares, em seu estudo sobre a Comunicação Popular Escrita. Nesta

pesquisa, o autor realizou um levantamento de diferentes mensagens de comunicação popular, coletando e classificando 14.014 manifestações de 107 países. Em relação aos conteúdos dessas mensagens, a pesquisa compreende que "às vezes o assunto é de origem erudita, porém vale o uso que o povo faz do texto" (Pellegrini Filho, 2009, p. 84). O estudo enfatiza a materialidade do suporte das mensagens para caracterizar esse tipo de comunicação: muitas vezes, a combinação de mensagem e mídia fortalece o perfil do que é popular. O costume, que varia de um povo para outro e de acordo com a aceitação intercultural, é responsável pela consolidação do uso e da manutenção dos escritos populares (Pellegrini Filho, 2009).

Os folhetos de cordel e os almanaques populares brasileiros operam como dispositivos infocomunicacionais à medida em que funcionam como mediadores de informações, saberes e práticas em diferentes contextos culturais, em um ponto de encontro entre a cultura erudita e a cultura popular. Segundo Jeanneret (2005), os dispositivos infocomunicacionais são estudados na Ciência da Informação enquanto objetos materiais mediadores que designam o conjunto de substratos materiais da comunicação. Eles são instâncias de mediação do conhecimento em um ambiente e reúnem processos informacionais, documentais e comunicacionais (Gardiès, 2012).

Para estudar o dispositivo infocomunicacional e mapear suas zonas de mediações, de acordo com Marteleto e Couzinet (2013, p. 4), é importante compreender que ele "está associado aos quadros de ação dos sujeitos que o constituem, inseridos em determinadas estruturas e redes de relações e limitações que circunscrevem os usos e as apropriações dos conhecimentos, das técnicas e das informações". Portanto, é importante indagar sobre os sujeitos e seu

papel na construção ou desconstrução dos dispositivos como uma rede de elos sociais que ligam diversos atores: aquele que produz a informação, aquele que possibilita sua circulação através de artefatos técnicos, aquele que facilita sua difusão e aquele que se apropria da informação (Marteleto; Couzinet, 2013).

2.1 Folhetos de cordel

Em Portugal e no Brasil, a literatura de cordel tem sua denominação originada pelo fato de que os folhetos eram pendurados em cordas e expostos ao público, presentes em barracas e mercados. Abreu (2011, p. 23) a define como "uma fórmula editorial que permitiu a divulgação de textos de origens e gêneros variados para amplos setores da população". Surgiu em Castela, na Espanha, no século XVI, foi adotado em Portugal no século XVII e chegou ao Brasil no século XIX, onde ainda é praticado na região Nordeste. Nesta região, é caracterizada por acolher na primeira página uma ilustração xilográfica ou linográfica e abranger um vasto corpo de textos curtos, geralmente em forma de versos (Sordet, 2023).

Com relação à circulação destas publicações, os cordéis do Nordeste brasileiro podiam ser adquiridos através de encomendas pelos correios, comprados em livrarias e vendas, ou principalmente por meio do comércio realizado em viagens pelos autores ou revendedores de cordéis. Eles percorriam fazendas e vilarejos, distribuindo folhetos seus ou de colegas tanto pelas cidades quanto pelo campo. Abreu (2011) destaca que os limites entre cultura popular e erudita, assim como entre o campo e a cidade, se tornam menos claros quando se trata dos folhetos. No início do século XIX, as distinções entre essas esferas não eram tão pronunciadas no Nordeste. Embora os poetas e leitores fossem em sua maioria das

camadas populares, membros da elite econômica também consideravam os folhetos e as cantorias como uma das suas principais formas de lazer.

Grillo (2015, p. 22-23) atenta para a importância informacional do cordel do Nordeste brasileiro, que por meio da narrativa "registra os acontecimentos de um dado período e de um dado lugar, se transforma em memória, documento e registro da história", dando origem a uma crônica do contexto do cordelista. Este poeta, "além de autor é conselheiro do povo e historiador popular". Em contextos históricos e regionais em que a minoria da população era letrada, os cordéis encontravam um grande público de ouvintes, pois por meio da oralidade, "as poesias eram apresentadas por cantadores em saraus e reuniões e, por serem escritas em versos, havia certa facilidade de serem memorizadas". A literatura de cordel, gênero de uma literatura intrinsecamente popular, é marcada pela expressão dos modos de viver, pensar, sentir e agir de um povo, manifestando a filosofia de quem a faz, suas crenças, práticas, costumes, técnicas e ciências (ABLC, 2013).

2.2 Almanaques

Almanaques são brochuras populares geralmente publicadas anualmente e organizadas tendo como referência o calendário do ano entrante. Caracterizam-se pela mistura de diferentes discursos, gêneros textuais, formas de enunciação e de organização de saberes. Obras práticas de fácil e permanente consulta, oferecem informações generalistas e utilitárias, sendo consideradas verdadeiras enciclopédias populares e domésticas. Frequentemente trazem conteúdos relacionados a astrologia, astronomia, religião, calendário, meteorologia, agricultura, saúde popular, humor, além de provérbios

e conselhos práticos ou comportamentais, sendo característica nestas publicações a mescla de conhecimentos científicos e saberes populares (Casa Nova, 1996; Marteleto; Dourado, 2019; Guerreiro; Correia, 1986; Marteleto; Couzinet, 2013).

Os almanaques são lugares de misturas e entrecruzamentos especiais. Neles, "o que se mistura são diferentes tipos de saberes. Saberes de baixo e saberes de cima, saberes velhos e novos, astrologia e astronomia, medicina popular e nem tão popular, romance e história" (Martín-Barbero, 2013, p. 156-157). Le Goff (2021, p. 480) os considera objetos eminentemente culturais, em um campo de encontro entre cultura popular e cultura erudita. Encontra-se presente, de um lado, "o saber popular, no campo meteorológico, médico, narrativo, atinge os citadinos e os letrados; por outro, a ciência dos eruditos penetra nos ambientes populares". Aliando o saber ao lazer e as prescrições morais, técnicas e educativas à utilidade prática, os almanaques de certa forma dessacralizaram um conhecimento instituído e sacralizado pelo livro. Apresentam um conhecimento acessível e de caráter útil que busca levar em conta o contexto cotidiano dos leitores (Casa Nova, 1996).

Nesse sentido, os almanaques configuram-se como hipertextos populares que representam um gênero de narrativa e de representação informacional que os aproxima de uma enciclopédia popular, misturando diferentes tipos de informação, conhecimento e discurso. Constituem-se como um meio de instrução e um tipo de manual prático de sobrevivência que abrange tanto a informação enciclopédica, científica e especializada quanto as tradições, saberes, crendices e narrativas populares, tendo a função de informar e contar histórias (Marteleto; Guimarães; Nóbrega, 2009).

No Brasil, ao longo dos séculos XIX e XX foram surgindo diversas publicações do gênero, como os almanaques para as cidades, almanaques religiosos e almanaques literários. No final do século XIX, surgem os almanaques de farmácias, que logo se propagam e alcançam alta popularidade no Brasil, tendo seu auge entre as décadas de 1930 a 1970. São exemplos o Almanaque Biotônico Fontoura, o Pharol da Medicina, o Almanaque Capivarol e o Almanaque Renascim Sadol.

2.3 Almanaques de cordel

Um gênero de almanaques que alcançou popularidade no Brasil no século XX foram os almanaques de cordel do Nordeste. Eles se constituem em uma manifestação híbrida que resulta do encontro entre dois formatos de impressos de expressiva circulação de saberes na cultura popular: os folhetos de cordel e os almanaques. Embora os almanaques tenham alcançado significativa circulação no Brasil, sua permanência na cultura popular foi mais discreta em comparação aos folhetos de cordel. Este predomínio talvez se explique pela natureza artística, literária e espontânea dos folhetos, que favoreceu sua maior difusão. Afinal, ao longo da história, sempre houve mais espaço para poetas e alquimistas do que para físicos e astrônomos, figuras que, não raro, se entrelaçam no imaginário popular, fundindo em um mesmo saber a ciência, a magia e a arte.

Assim, os almanaques de cordel emergiram no Nordeste brasileiro a partir da década de 1930, editados por poetas populares que também publicavam folhetos, impressos em gráficas artesanais (Benjamin, 2000). Entre os títulos mais notáveis, destacam-se o "Almanaque O Juízo do Ano", de Manoel Caboclo e Silva; o "Almanaque do Nordeste Brasileiro", de Manoel Luiz dos Santos; o

"Calendário Nordestino", de José Costa Leite; o "Almanaque do Nordeste", de Vicente Vitorino Melo; e o "Almanaque de Pernambuco", de João Ferreira de Lima (Almeida, 2019). Alguns deles continuaram a ser publicados até o final do século XX, outros permanecem ainda no século XXI.

Em estudo sobre o surgimento desses impressos na cidade de Juazeiro do Norte, Ceará, Carvalho (2008) destaca que eram poucos os cordelistas e poetas que se dedicavam à produção dos almanaques, pois para isso era necessária uma formação básica em astrologia. Os poetas produtores de almanaques se diferenciavam justamente devido ao conhecimento adquirido através de leituras sobre astrologia, ocultismo e magia. Nesse contexto, o Lunário Perpétuo é apontado como uma das principais fontes de leitura e consulta destes poetas, ao lado de obras como "O Tarô Adivinhatório" e "Experiências Astrológicas" (Almeida, 2019).

Em Juazeiro do Norte, a principal referência para produção de folhetos foi a Tipografia São Francisco, responsável pela distribuição em larga escala para todo o Nordeste por décadas. Na cidade, os almanaques passaram a ser produzidos a partir da década de 1950, quando a Tipografia passou a publicar o Almanaque de Pernambuco, um dos mais célebres almanaques nordestinos, publicado desde 1935. Com isso, formou-se na cidade um público consumidor cativo das publicações astrológicas, ao mesmo tempo em que cresceu o número de estudiosos do tema, permitindo à Tipografia a dominação de um novo filão no mercado editorial local e em todo o Nordeste (Carvalho, 2008).

Um desses estudiosos, funcionário da Tipografia São Francisco, foi Manoel Caboclo e Silva, que se tornaria um dos principais

cordelistas nordestinos e, unindo a arte escrita de sua poética às previsões astrológicas, viria a produzir o popular almanaque Juízo do Ano (Carvalho, 2008). Para Carvalho (2000, p. 34), os elementos da natureza, ciência e magia se fundem nas escrita dos almanaques por meio dos saberes tradicionais da cultura sertaneja que permeou o imaginário de Caboclo. Caboclo é, para o autor, "interprete dos sonhos do sertão, guardião de uma memória que não pode se perder, porta-voz dos que fazem seu impulso de vida". Desse modo, os almanaques de cordel consolidaram-se como importantes registros da memória cultural do sertão, combinando poesia, astrologia e sabedoria popular.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa, um desdobramento de pesquisa de dissertação de mestrado, constitui um estudo de caso, de abordagem qualitativa, centrado na análise da influência do Lunário Perpétuo sobre a literatura de cordel nordestina. O trabalho foi desenvolvido em duas etapas principais. Na primeira, aplicou-se o procedimento metodológico de análise documental a um corpus de quatro exemplares do Lunário, publicados entre os séculos XVIII e XXI, utilizando o método de análise temática, conforme proposto por Braun e Clarke (2006). Através da análise, foram identificados, categorizados e analisados os conteúdos tratados no Lunário de modo a compreender sua estrutura informacional-comunicacional e documentária enquanto um dispositivo da cultura popular escrita. Foram elencadas nove categorias temáticas de conteúdo, a saber: o tempo, a astronomia, a astrologia, a meteorologia, a agricultura, a saúde, o lar, a religião e o lúdico.

Na segunda etapa, a investigação concentrou-se na identificação e análise das releituras e apropriações do Lunário no campo da literatura de cordel, incluindo os almanaques de cordel. Para isso, foram realizadas pesquisas bibliográficas e documentais em acervos especializados, com destaque para os acervos virtuais da Cordelteca e da Hemeroteca do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), unidade do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a fim de mapear exemplares de folhetos e almanaques que evidenciem a presença e a ressignificação do Lunário no imaginário e na produção dos poetas populares.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Como evidenciam Benjamin (2000) e Almeida (2019), os almanaques de cordel têm o Lunário Perpétuo como fonte principal. Almeida (2019, p. 178) afirma que "geralmente, os autores de Almanaques não escondem a importância que dão ao Lunário, todos se declaram leitores desse livro. José Costa Leite declara-o em várias partes da sua publicação, e é, talvez, o mais apegado ao famoso livro". Os elementos astrológicos são em geral retirados do Lunário, e a respeito das plantas medicinais, os autores de almanaques recorrem ao seu receituário (Almeida, 2019). Conforme Benjamin (2000, p. 32), os poetas astrólogos utilizavam-se das tabelas do Lunário para a elaboração de seus almanaques anuais, e "o uso de um mesmo texto matricial explica a semelhança das previsões, a linguagem e os conselhos contidos em diversos almanaques populares editados para um mesmo ano".

José Costa Leite, autor do almanaque Calendário Nordestino, cita, no exemplar para o ano de 2002, as principais referências para os produtores de almanaques. Em seu texto, ele menciona os

almanaques de Vicente Vitorino Melo (Almanaque do Nordeste) e Manoel Luiz dos Santos (Almanaque do Nordeste Brasileiro), que vendia juntamente ao seu em feiras:

> O povo nas feiras me pergunta qual é o melhor almanaque. Eu apresento três tipos. O meu, o do Vitorino e o de Manoel Luiz e digo que todos três são bons. Quando o freguês é careta e insiste em saber qual é o melhor dos três. Sou obrigado a dizer que o melhor é o meu. Acontece que tanto eu, como Manoel Luiz e Vicente Vitorino escrevemos o almanaque com base no Taro Adivinhatório, no Lunário Perpétuo, na Astrologia Prática, no Livro das Plantas Medicinais e outros mais. Chegando a ser como se diz: Farinha do mesmo saco (Leite, [2002], p. 5).

Também o almanaque de Manoel Caboclo e Silva, O Juízo do Ano, tem seu título inspirado nas seções do Lunário dedicadas aos "juízos do ano", que oferecem prognósticos para cada mês sobre a agricultura, os mantimentos, o clima e acontecimentos sociais diversos. Esses prognósticos são determinados com base no mês em que, na localidade, se ouvem os primeiros trovões do ano.

Em alguns almanaques nordestinos, era comum a presença de acrósticos nas capas, composições poéticas cujas letras iniciais de cada verso formam verticalmente uma palavra, geralmente relacionada ao título do almanaque ou ao nome de seu autor. O Lunário Perpétuo é frequentemente citado em acrósticos, sendo associado à astrologia, à ciência e ao calendário. O almanaque Calendário Brasileiro (mais tarde intitulado Calendário Nordestino) para o ano de 1965, de José Costa Leite, apresenta o acróstico, cujas letras iniciais remetem ao título do almanaque:

Com o Lunário na mão
Admiro os horizontes
Lanço um olhar aos montes
Estudo minha lição

Nas nuvens da amplidão
DEUS me envia um tesouro
A minha pena em decôro
Refere-se aos prognósticos
Indicando nos acrósticos
O nosso ano vindouro

Basta que VÊNUS consente
Reproduzir pouco estio
Aguaceiro pesado e frio
Sendo MERCÚRIO regente
Indica um ano excelente
Li no LUNÁRIO e não brinco
Estudando com afinco
Inda vou vitorioso
Recomendando ser chuvoso
O ano 65 (Almeida, 2019, p. 161).

Aqui, Leite indica o Lunário como guia: admira os horizontes tendo-o em mãos. A partir dele faz seus prognósticos, que têm sua credibilidade legitimada pela autoridade do livro. No século XXI, no Calendário Nordestino para o ano de 2010, o poeta ainda cita o Lunário em acróstico. Também no Almanaque do Nordeste Brasileiro para o ano de 1954, de Manoel Luiz dos Santos, consta um acróstico que evidencia o destaque do Lunário nestes espaços com uma função de sabedoria, credibilidade e autoridade sobre os saberes vinculados:

Benfeito, bonito e preparado
Recebi este dom maravilhoso
Apresento um estudo valoroso
Sabendo que vou orientado:
Investigo o presente e o passado;
Leio todo futuro necessário,
Estudando ciências do Lunário,
Influenciado pela visão celeste
Rimei este Almanaque do Nordeste
Observando o Sistema Planetário (Almeida, 2019, p. 113-114).

Além dos almanaques, a reverência ao Lunário Perpétuo encontra-se presente na literatura de cordel nordestina em geral. Sua relevância dentro do gênero é evidenciada pela presença de um

verbete sobre o Lunário no "Dicionário brasileiro de literatura de cordel" (Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2013, p. 81). José Costa Leite, almanaquista que também escrevia folhetos, se refere ao Lunário como um elemento de prazer no cordel humorístico "Beijo de mulher bonita e carinho de mulher feia":

> Beijo de mulher bonita
> Tem gosto de amendoim
> É um Lunário Perpétuo
> Que nunca chega no fim
> É mesmo que viajar
> Na Empresa Itapemirim (Leite, [19--], p. 3).

A referência ao Lunário Perpétuo era também recorrente em cordéis de pelejas. Esse subgênero da literatura de cordel retrata debates ou disputas poéticas entre dois cantadores, geralmente representando desafios de inteligência, sabedoria, astúcia e força. Eram comumente improvisadas ou recitadas por duas pessoas de forma musicada em reuniões e festas, ao som da viola. No cordel "Peleja de Camilo com Silveira", de Manoel Camilo dos Santos (1958), após Silveira se gabar de sua inteligência, Camilo lhe responde:

> Você pode desmanchar-se em cantoria
> por todos os poros do corpo fazer verso
> decorar todos os livros do universo
> Gramatica, Lunário e Geografia,
> Ciência, Matemática, Astrologia
> e praticamente o mundo conhecer
> os ares e os mares percorrer
> e aprender dos cantores todo estilo
> mas se cantares a propósito com Camilo
> a certeza é apanhar ou é correr (Santos, 1958, p. 9).

Em geral, o Lunário figura nas pelejas como lugar de conhecimento e sabedoria, alçado aqui à mesma categoria da ciência, matemática, gramática, geografia e astrologia. No cordel de Rodolfo Coelho Cavalcante ([19--]), "A macumba da negra saiu errada" o

almanaque tem lugar entre o sagrado e o profano. O poema se constitui de um inventário de ingredientes a serem depositados na poção de um ritual. Em uma das estrofes o Lunário consta como ingrediente, ao lado de elementos religiosos:

> Um São Jorge quebrado,
> Duas folhas de Lunário,
> Três contas de um rosário,
> Quatro unhas de finados,
> Cinco anéis de amancebados,
> Seis botões de uma batina (Cavalcante, [19--], p. 7).

No cordel "A ressurreição do poeta que não morreu", de Manoel Camilo dos Santos ([19--]), o narrador faz referência aos prognósticos dos signos zodiacais do Lunário:

> Porque me diz o Lunário
> que só teria a viver
> sessenta e oito anos
> e teria que morrer
> em lugar público e estranho
> o que vou esclarecer:
>
> – Com sessenta e sete anos
> e nove meses eu estava
> faltava apenas três meses
> que o Lunário me dava
> o lugar estranho e público
> o hospital, nele eu estava (Santos, [19--], p. 14).

O cordel "Antonio Conselheiro e a Guerra de Canudos", de Minelvino Francisco Silva, uma biografia em versos do líder religioso, cita o Lunário entre suas influências:

> Consta que aprendeu de cor
> AS MISSÕES ABREVIADAS:
> Mais: AS HORAS MARIANAS
> Foram por ele estudadas
> E, do LUNÁRIO PERPÉTUO,
> Lições foram decoradas (Silva, 1980, p. 3).

Antonio Vieira (2005), no cordel "A peleja da ciência com a sabedoria popular" sintetiza a dualidade entre cultura erudita e cultura popular no campo do conhecimento: a oposição e a convergência entre ciência e saber popular. Ao narrar a história do conhecimento, registra o surgimento do Lunário e refere-se às apropriações pelos nordestinos de conhecimentos e elementos provenientes da Europa, como a literatura de cordel e o próprio almanaque, que, com outros livros, "obrigaram o sertão a estudar":

> Os poemas trazidos da Europa
> Encontraram guarida no Nordeste
> E o sertão terra de cabra da peste
> Deu a eles uma grande nota [...]
>
> Os livros que vieram para cá
> O Lunário e a Missão Abreviada
> A Donzela Teodora e a Fábula
> Obrigaram o sertão a estudar
> De repente começaram a rimar
> A criar um sistema todo novo
> O diabo deixou de ser um estorvo
> E o boi assumiu outros lugares
> Os nomes dos poetas populares
> Deveriam estar na boca do povo (Vieira, 2005, p. 53).

Em 2024, o cordelista cearense Zé Salvador (2024) narrou a trajetória, o conteúdo, a dimensão simbólica e a apropriação nordestina do Lunário no cordel "A Porto da Pedra traz um brincante nordestino com seu 'Lunário Perpétuo'", em referência ao enredo carnavalesco da Escola de Samba. No cordel, o Lunário é descrito como

> Um livro de cama e mesa
> que servia ao nordestino
> para guiar sua vida,
> quer no profano ou divino,
> metendo em tudo o bedelho,
> pra tudo tinha um conselho,
> mudando, assim, o destino (Salvador, 2024, p. 2).

O cordel de Salvador (2024) evidencia o ciclo contínuo de trocas entre o Lunário e diferentes manifestações culturais ao longo dos séculos. Nesse ciclo, o almanaque inspira práticas e expressões populares, dentre as quais os versos de cordel; estes, por sua vez, são posteriormente referenciados em enredo e desfile na festa do carnaval. Por fim, o almanaque e o carnaval voltam a inspirar a poética em folhetos de cordel. Aqui as obras se alimentam mutuamente, atravessando épocas e dispositivos, em um processo no qual cada gênero reflete, adapta e recria o anterior.

Desse modo, a presença do Lunário Perpétuo nos folhetos e almanaques de cordel atesta sua permanência no imaginário cultural brasileiro. O Lunário, compreendido na literatura de cordel como fonte de sabedoria, conhecimento e ciência, detentor de credibilidade e autoridade, assume um papel que transcende o seu conteúdo informativo e pedagógico, tornando-se um símbolo cultural que dialoga com diferentes contextos culturais, sociais e históricos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise realizada, pode-se afirmar que os folhetos de cordel e o almanaque Lunário Perpétuo compartilham elos culturais, simbólicos e documentais profundos. O Lunário, produzido no contexto europeu, atravessou fronteiras geográficas e temporais, sendo apropriado e ressignificado pelos poetas populares nordestinos como fonte de inspiração para a produção da literatura de cordel, sobretudo nos almanaques astrológicos. Nesse sentido, os conteúdos presentes no Lunário, no campo da astrologia, astronomia, saúde, calendário e meteorologia, foram reapropriados por leitores e produtores da literatura popular e adaptados aos seus contextos locais.

Essas leituras e reapropriações evidenciam a importância do Lunário Perpétuo como dispositivo infocomunicacional mediador de saberes eruditos e populares, bem como atestam o papel informacional e pedagógico dos almanaques e folhetos de cordel. A perpetuação de elementos do Lunário no universo do cordel não apenas atesta sua força como objeto cultural e testemunhal, mas também revela a capacidade da cultura popular de reelaborar os conteúdos que lhe chegam, transformando-os em patrimônio coletivo. A literatura de cordel, portanto, mantém viva uma tradição que, iniciada há séculos na Europa, encontrou no sertão nordestino um terreno fértil para florescer e se renovar.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL. **Dicionário brasileiro de literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Rovelle, 2013.

ALMEIDA, Ruth Trindade de. **Os almanaques populares do Nordeste**. Belém: Naea, 2019. Disponível em: https://www.naea.ufpa.br/index.php/livros-publicacoes/332-os-almanaques-populares-do-nordeste. Acesso em: 19 fev. 2024.

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: UFPB, 2000.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, [*s.l.*], v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa. Acesso em: 27 abr. 2024.

CASA NOVA, Vera Lúcia. **Lições de almanaque**: um estudo semiótico. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

CARVALHO, Gilmar de. Introdução. *In*: SILVA, Manoel Caboclo e. **Manoel Caboclo**. São Paulo: Hedra, 2000.

CARVALHO, Reinaldo Forte. **"Cordel, almanaques e horóscopos"**: e(ru)dição dos folhetos populares em Juazeiro do Norte-CE (1940-1960). 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008. Disponível em: https://www.uece.br/ppghce/wp-content/uploads/sites/64/2022/08/Reinaldo-Forte-Carvalho.pdf. Acesso em: 31 ago. 2024.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 13. ed. São Paulo: Global, 2024.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **A macumba da negra saiu errada**. Salvador: [*s. n.*, 19--].

COELHO NETO, Henrique Maximiano. Discurso de recepção [de Osório Duque-Estrada em 25 de outubro de 1916 na Academia Brasileira de Letras]. *In:* ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. ABL: Rio de Janeiro, [c2025]. Disponível em: https://www.academia.org.br/academicos/osorio-duque-estrada/discurso-de-recepcao. Acesso em: 22 maio 2025.

GARDIÈS, Cécile. **Dispositifs info-communicationnels de médiation des savoirs**: cadre d'analyse pour l'information-documentation. Toulouse: Université de Toulouse, 2012. Disponível em: https://hal.science/tel-01725359/document. Acesso em: 25 abr. 2024.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A arte do povo**: histórias na literatura de cordel: (1900 – 1940). Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

GUERREIRO, Manuel Viegas; CORREIA, J. David Pinto. Almanaques ou a sabedoria e as tarefas do tempo. **Revista ICALP**, [Lisboa], v. 6, p. 43-52, ago./dez. 1986. Disponível em: http://cvc.instituto-camoes.pt/dmdocuments/almanaques.pdf. Acesso em: 19 fev. 2024.

JEANNERET, Yves. Dispositif. *In:* COMMISSION NATIONALE FRANÇAISE POUR L'UNESCO. **La "société de l'information"**: glossaire critique. Paris: La Documentation Française, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. São Paulo: Unicamp, 2021.

LEITE, José Costa. **Beijo de mulher bonita e carinho de mulher feia**. [*S. l.*: *s. n.*, 19--].

LEITE, José Costa. **Calendário nordestino para 2002**. Recife: Editora Coqueiro, [2002].

MARTELETO, Regina Maria; COUZINET, Viviane. Mediações e dispositivos de informação e comunicação na apropriação de conhecimentos: elementos conceituais e empíricos a partir de olhares intercruzados. **Reciis**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, jun. 2013. Disponível em: https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/450. Acesso em: 19 fev. 2024.

MARTELETO, Regina Maria; DOURADO, Stella Moreira. Os almanaques e a circulação social dos objetos culturais: bibliografia, coleções, rastros de leitura. **Em questão**, Porto Alegre, v. 25, p. 354-372, 2019. Disponível em: http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245250.354-372. Acesso em: 13 fev. 2024.

MARTELETO, Regina Maria; GUIMARÃES, Cátia; NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. Almanaque da dengue: conhecimento, informação e narrativas de saúde. *In*: MARTELETO, Regina Maria; STOTZ, Eduardo Navarro (org.). **Informação, saúde e redes sociais**: diálogos de conhecimentos nas comunidades da Maré. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. p. 83-106.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Comunicação popular escrita**. São Paulo: Edusp, 2009.

RIOS, Kênia Sousa. O tempo por escrito: sobre lunários e almanaques. *In*: CARVALHO, Gilmar de (org.). **Bonito pra chover**: ensaios sobre a cultura cearense. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003. p. 79-89.

SALVADOR, Zé. **A Porto da Pedra traz um brincante nordestino com seu "Lunário Perpétuo"**. [São Gonçalo]: Academia Gonçalense de Literatura de Cordel, 2024.

SANTOS, Manoel Camilo dos. **A ressurreição do poéta que não morreu**. [*S. l.*: *s. n.*, 19--].

SANTOS, Manoel Camilo dos. **Peleja de Camilo com Silveira**. Campina Grande: [*s. n.*], 1958.

SILVA, Minelvino Francisco. **Antônio Conselheiro e a guerra de Canudos**. São Paulo: Luzeiro, 1980.

SORDET, Yann. **História do livro e da edição**: produção & circulação, formas & mutações. São Paulo: Ateliê Editorial, 2023.

TALONE NETO, Leonardo. **Almanaque Lunário Perpétuo**: circulação informacional-documentária e permanência na cultura popular no Brasil. 2025. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1421. Acesso em: 12 mar. 2026.

VIEIRA, Antônio. **A peleja da ciência com a sabedoria popular**. 2. ed. rev. [*S. l.*: *s. n.*], 2005.

LICENÇA DE USO
Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

PUBLISHER
Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EQUIPE EDITORIAL
Martha Suzana Cabral Nunes, Maria Cleide Rodrigues Bernardino, Franciéle Carneiro Garcês da Silva.

COMO CITAR

TALONE NETO, Leonardo; MARTELETO, Regina Maria. A influência do Almanaque Lunário Perpétuo nos folhetos de cordel no Brasil. **Tendências da Pesquisa Brasileira e Ciência da Informação**, São Paulo, v. 19, n. esp., p. 1-26, jan./jun. 2026.